

O ELO DE HECTOR

Lucas Visintini Rosa, out/2025

São Paulo

A noite era fria, e o farfalhar da vegetação misturava-se ao rosnar distante dos animais por entre aqueles mares de morros. O menino, preso na sua insônia, ouvia o murmúrio abafado das conversas de fim de noite e sentia, sem paciência, aquele aroma calmo e confortante que surgia após as empregadas apagarem os fogões a lenha.

Decidiu sair. Desceu as escadas da Casa Grande apressado, cada rangido da antiga escadaria azul parecia apressá-lo ainda mais. Quando cruzou a grande porta de madeira escura que separava entre o Jardim e o Pátio da antiga Fazenda quase escorregou em uma poça fria. Não parou, pois o alívio de estar lá fora trazia uma liberdade inexplicável.

Aquele momento de prazer fazia sua mente questionar por que sua família era tão triste. Sua mãe com seu nariz vermelho, prestes a chorar à qualquer momento. Seu pai, magro e calvo, não ria nunca. Sua avó sempre usava um véu negro, também não gostava de falar e, quando dizia algo, era apenas para si mesma. A sinhá era boa, de formas amplas e alma generosa, sua vocação era ser levitadora, mas, o que o tempo lhe deu de bondade, lhe tomou de talento. Tinha aquele falar gostoso de outros tempos em que prosa e poesia coexistiam naturalmente. A configuração da família era sucinta e cada um exercia uma função específica que era sustentada em sua base pelo trabalho da sinhá e em sua estrutura pelo trabalho e mente visionária de seu avô, a quem tanto admirava.

Entretido nessas divagações, Inspirou o ar fresco e puro do campo e pôs-se a pensar em seus desprazeres, o principal deles era como odiava quem não apreciava a vida e quem não desfrutava tudo que ela poderia oferecer; dos seus parentes apenas seu avô Gilbert tinha o mesmo sentimento, lembrou-se do que ele dizia ao levá-lo às alturas nos braços:

“Esse sim saiu a mim! A liberdade é sua vocação, um dia o mundo será seu, meu rapazinho”

Ou então:

“Uma judiação prenderem você aqui tão longe do mar. Nesse pasto infinito. Seu destino é o Mar, os negócios são apenas o que te sustentam” E ria, aquela risada solta.

E em meio a essas lembranças, penetrou mata a dentro, a cada passo um tom mais sombrio, as copas tornando-se mais densas e o solo mais úmido. Nesse momento adentrava num local conhecido seu - em que a noite fria tornava-o visceral: a Clareira. Formava quase um círculo perfeito, sem vegetação

rasteira, as folhagens espessas emolduravam uma abóbada que tornava-a circunscrita, toda recoberta por vegetação. Não se via o céu e do centro surgia uma estrutura que dominava e imperava todo o local.

De repente, foi inundado por aquele aroma de terra úmida poderoso e estarrecedor e ao erguer os olhos, via a Árvore. Era imensa e sólida. O tronco era escuro e robusto e de seu casco surgiam infinitas outras vegetações parasitas. Grandes raízes emergiam do solo retratando uma visão dantesca daquela vastidão esverdeada entrecortada por garras negras. Sua copa era exuberante, toda verde e não se via nada além de suas folhas. Do seu interior emanava o aroma de terra úmida que impregnava toda a Clareira, adentrava a mata ao redor chegando até ao jardim da Casa Grande.

O menino tocou o tronco com reverência, admirando sua imponente, quando algo pousou em seu braço direito, chacoalhou em seu bolso esquerdo e surgiu entre seus olhos. Espantado, admirou seus três invasores. O primeiro era o menor, chegava ser quase invisível, inquieto, sempre procurando algo atrás de si - Auror; o segundo era alto, com corpo longilíneo, de andar lento, executando muito esforço para qualquer tarefa - Aetas. O terceiro, evidentemente o mais velho, tinha longos cabelos prateados alinhados, sua face era honesta e confiante, marcada por rugas. Os olhos tinham um brilho juvenil, era reconhecido como Zenithor. Quando falou, até as folhas se calaram:

— Estamos em um momento de luto, senhor. Chegou a hora de nos despedirmos desta vida e deste tempo.

O menino sentindo um golpe no estômago disse:

— Mas por quê? Como sabendo o horror do seu destino, não lutam contra ele?

Zenithor respondeu:

— Jovem mestre, os planos e intentos de todas as criaturas são três: uns feitos para serem ganhos, outros feitos para serem perdidos, e há aqueles cujo destino é decidido pelo fluxo da vida. Aetas prosseguiu:

- A vida, meu jovem, é algo que inevitavelmente perdemos. A morte... é aquilo que sempre vence. Todo o resto pertence à terceira categoria, e aí está o mistério da Existência.

A discussão durou algumas horas até que o pequeno ser mais velho, Zenithor, se levantou e disse: - É hora de seguirmos.

E, convidando o menino, adentraram pelo pórtico que o tronco abria no solo.

Alguns minutos após adentrarem, se encontravam em um corredor de terra escuro com paredes muito próximas. Nesse momento, o menino começou a escutar uma melodia, que nunca tinha ouvido, executada por um barítono competente que intercalava entre agudos e graves suavemente; ao procurar sua origem, viu que era Aetas quem a executava. Sua letra recordava de tempos felizes com saudosismo e melancolia. De repente, o canto se tornou tão belo, que o menino se espantou:

Recordou-se de algo que nem sequer sabia lembrar; de uma família “próspera do surr” que se mudara para o Vale, e de como estavam felizes o casal e seu filho ainda de colo, todos riam e festejavam sua recém chegada. Lá um ancião com cabelos prateados o carregava no colo, e o jogava ao alto e o recebia nos braços com a risada franca. Revivia também a inquietação desse patriarca e da sua consternação em viver distante do mar. Sua ausência por meses e anos definhou as relações que estruturavam a família.

O menino se a Aetas, em dueto, no seu canto e o último verso foi o seu solo “...a ausência uniu os que estavam distanciados, mas eram próximos; e repartiu os que estavam chegados mas eram distantes. Nada é mais definitivo que a Ausência, tanto em unir quanto em repartir... E o elo que separou os primeiros foi o que uniu os últimos, o Amor”. Ao encerrar, notou que havia uma plateia a admirá-lo mas não encontrou Aetas, soube que aquela fora sua despedida e que não retornaria. O rapaz adiantou-se depressa pelo caminho contrariando sua tristeza pela perda; a dor passada e atual fundindo-se numa só. Após alguns passos reconsiderou, fez o caminho de volta e se juntou aos outros dois em suas homenagens a Aetas.

Quando encerraram, os três retomaram a caminhada, Auror continuou zumbindo como se nada o tivesse abalado; Zenithor, entretanto, tinha seus cabelos mais escuros e desalinhados. Seguiram por na escalada íngreme em que troncos espinhosos feriram o corpo e a face do menino. Ao terminarem a escalada, adentraram onde o menino chamou de Pavilhão Verde. Era deslumbrante; a copa da Árvore refletia muitos tons de verde sobre um salão amplo, sua luz insidia suavemente sobre a madeira tornando a atmosfera etérea e reverente, os três desejaram fazer uma prece.

Auror ergueu a voz e era irreconhecível; não recitou algo decorado, como o menino se lembrava do colégio em Mariana e, agora Taubaté, mas era espontânea e, ao mesmo tempo refinada e culta, pois lembrava poesia. Iniciara prestando gratidão a Aetas que lhe tinha sido companhia pela vida, permitindo aprendizado e vivência; seguindo por exultar o que estava por vir; profetizou sobre as belezas do destino dos viajantes e da riqueza no fim dos empreendedores. Passou então a exaltar realizações futuras que sequer haviam sido pensadas. O menino de olhos fechados, fez sua própria oração...

Agradecia sua família por sustento, alimento e amor e a cada um por participar de sua vida individualmente; não conseguiu distinguir como poderia sobreviver, sequer ter sobrevivido, sem a participação de cada um. A diáspora da família, após o exílio de Gilbert na Escócia, isolou por anos sua avó, ressentida pela rejeição do esposo e filho; retornara a Ouro Preto habitando uma Fazenda sem empregados; seus pais permitiram que as desavenças habituais de um casamento abrisse feridas que se tornaram incuráveis transferindo ao seu filho indiferença, rispidez e solidão; a velha sinhá perdia-se em si própria buscando solucionar essas desavenças que adoeceu dos nervos, colapsou quando retornava de Edimburgo e até hoje não pode mais viver sozinha. Esse ambiente de tensão só foi retroceder após o retorno de Gilbert devido a perda de Emanuel, segundo filho do casal e irmão do menino, que falecera de tuberculose aos sete anos. A tristeza e consternação foi tanta que sua mãe precisou dos cuidados de todos. Gilbert se empenhou tanto que também adoeceu e faleceu após alguns meses. Percebeu que naquele tempo cada membro da família era ainda mais triste e sombrio do que na atualidade e pôs-se a exaltar o dia em que seriam ainda mais felizes por viverem unidos.

Terminando sua prece, ainda manteve os olhos cerrados, reconheceu a mesma atmosfera de antes; e, ao abri-los confirmou que Auror havia partido. O menino caminhou na direção de Zenithor e disse, olhando-o nos olhos:

- Eu estou tão feliz, amigo!... e duas lágrimas rolaram de seus olhos.

Como poderia se sentir feliz no momento de luto de um amigo, pensou.

- E eu estou tão orgulhoso de você, jovem! Disse Zenithor, Espalmando sua as costas
- De mim? Por quê?
- Você ainda não percebe mas está se tornando aquilo que foi designado a ser; e quando isso acontece, em seu devido tempo, pela evolução natural do homem, é um testemunho da Harmonia.
- Em quanto tempo eu me tornarei o quê? Por que me sinto feliz vendo Auror morrer?
- Essas respostas apenas você responde. A primeira cabe a seus braços e, a segunda, ao seu coração. A tercei...

O menino, interrompendo Zenithor, raciocinou... - Auror não está mais conosco quando se trata de física e química. Mas os nossos sentimentos e aquilo que vivemos juntos só desaparecerão quando você e eu nos formos. Ele não sumiu, ele esta aqui.

Zenithor proseguiu:

- Auror, Aetas, seu avô; estão todos vivos, e nós encontramos com eles quando nos lembramos e vivemos aquilo que aprendemos juntos.
- Isso me liberta, Zenithor!
- Por que diz isso?
- Ainda não consigo explicar.

Quebrando o silêncio que surgiu, disse

- Quando você irá nos deixar?
- Meu amigo...Tudo têm seu Tempo. Quero entregar-lhe algo. Um presente que sempre o lembre de mim e traga conforto quando precisar.
- Esse presente seria você em pessoa, meu velho.

Zenithor riu, porque não poderia esconder seu constrangimento de outra forma. Os jovens, em especial as crianças, sempre encontram uma lógica muito mais racional, prática e segura de estabelecer os fatos. A idade, entretanto, adiciona beleza, drama e movimento. É isso se chama Vida! Desembrulhou algo que estava numa fissura na Árvore, era pequeno, estendeu ao menino com cuidado. O menino olhou e viu o menor relógio de parede que já vira. Era simples, quase rude: madeira escura, envelhecido. Mas o que mais chamou sua atenção foram os ponteiros dourados, quebrados ao meio.

No verso, uma inscrição feita à faca dizia: “Tempus, imperator”.

O menino questionou confuso o que faria com um relógio quebrado. Zenithor explicou girando o relógio nas mãos: - Este relógio não é uma ferramenta, é uma advertência : o presente é tudo que temos. O tempo que gastei girando este relógio foi suficiente para estabelecer o passado e o futuro, irreparavelmente isolados. A único contato que os comunica é a ação do agora.

- Meu jovem, meu caminho não é o mesmo que o dos meus irmãos. Nem o seu será o mesmo que o de sua família ou de quem cruzou sua vida. Cada um tem seu propósito. Minha missão é trazer paz ao que já está aqui, ao que ainda existe. Eu devo garantir que o presente sempre esteja em ação. Você, amigão, está predestinado a manter esse Elo de que conversamos.

Durante a conversa, continuavam a escalada quando foram surpreendidos por finos filetes de luz por entre as folhagens que, gradativamente formaram um grande feixe, da cúpula ao piso do Pavilhão. O menino seguia obstinado em alcançar a luz; quando, finalmente as últimas folhas descobriram os seus olhos, o sol implacável tocou sua mãoapele, e iluminou tudo. Contemplou o deslumbramento da superfície e quis discutir com Zenithor tudo aquilo que via; tocou o embrulho com o relógio que estava em seu bolso admitindo a si mesmo que não se reencontraria com o pequeno ancião nunca mais. Sabia que diante de toda aquela beleza a verdadeira visão estava na imagem que aquilo refletia dentro de si. Lembrou-se de seu avô Gilbert e de toda a similaridade que

tinham nos gostos, teria feito seu antecessor essa mesma peregrinação pela Árvore? Com certeza, fez algo semelhante, ao menos; era impossível ser, de fato, livre, sem ter passado por essa Iluminação. Não sentia que, a partir daquele momento, teria discernimento ou sabedoria superior a de antes; mas sabia que suas certezas mereciam ser contestadas para serem mais reais.

Mais tarde encontrou uma fita junto ao presente que o amigo havia lhe dado com uma inscrição feita em garranchos desajeitados. Era algo que ele precisou ler em diversas posições e várias vezes para compreender a caligrafia:

“Para você, Hector; do seu maior amigo, Zenithor“.